**O PROFESSOR REFLEXIVO E A AUTONOMIA DE PROFESSORES**

Tiago Baciotti Moreira

Profª. Drª. Vânia Maria de Oliveira Vieira

Profª. Drª. Marilene Ribeiro Resende

**RESUMO**

O presente texto objetiva a discussão do conceito de professor como profissional reflexivo proposto por Schön e também a autonomia dos professores no desempenho de suas funções a partir da visão de racionalidade e profissional técnico

**ABSTRACT**

This text aims the discussion and analysis of teaching concept as reflective practitioner proposed by Schon and also the autonomy of teachers from the rationality of vision and technical professional.

**Palavras-chave**: Formação. Professor. Autonomia

*“A diferença reside em que o escolanovismo clássico e o construtivismo concentram seu foco de análise na aprendizagem (ou construção do conhecimento) realizada pelo aluno ao passo que os estudos sobre o professor reflexivo concentram seu foco de análise na aprendizagem (ou construção do conhecimento) realizada pelo professor."*

Duarte (2003, p.93)

**INTRODUÇÃO**

A necessidade de reflexão do professor no desempenho de suas funções implica em uma análise constante de suas práticas e o impacto que estas geram em seus alunos. Além disso é importante entendermos que o professor enquanto essencialmente técnico precisa deter conhecimento teórico além de sua área de atuação a fim de poder trabalhar seus conteúdos de forma eficiente.

Assim, pretende-se comentar o entendimento de profissional reflexivo e também as diferentes concepções de professor. O presente trabalho objetiva iniciar essa discussão trazendo à luz o professor reflexivo.

**O professor como profissional reflexivo**

É interessante encaramos o professor como um profissional reflexivo, ou seja, aquele que pondera sobre suas práticas e é capaz de estabelecer uma crítica em suas ações de forma a ajustar seu trabalho com o objetivo de melhor educar. O professor do MIT Donald Schön estabelece algumas questões interessante a respeito desse hábito e capacidade de reflexão.

Em um primeiro momento, conforme SCHÖN (1992), “Quais as competências que os professores deveriam ajudar as crianças a desenvolver? ”? Ou seja, será que basta o mero conhecimento técnico, formal e aplicado de acordo com a área de atuação do profissional docente? Ou será que algo mais deva ser instigado em sala de aula para que os alunos sejam capazes de pensar de forma completa sobre a solução dos problemas?

Além disso, Schön continua com duas outras indagações importantes que complementam esse primeiro questionamento e ao mesmo tempo abre uma margem para um melhor entendimento:

“Que tipos de conhecimento e de saber-fazer permitem aos professores desempenhar seu trabalho eficazmente?” e “Que tipos de formação serão mais viáveis para equipar os professores com as capacidades necessárias ao desempenho do seu trabalho? ”

Deve-se ainda, além das três questões iniciais, levarmos em consideração o “Teacher Project”, conforme relatado por Schön onde grupos de professores analisavam e se familiarizavam com estratégias de aprendizagem em disciplinas como matemática, música, etc. no ensino básico. A partir dessa experiência e da análise dos relatos e discussões que foram feitas alguns pontos podem ser observados como por exemplo a capacidade do professor “dar razão ao aluno”. Dar razão ao aluno pode ser visto como a possibilidade de se considerar além do conhecimento formal.

Isso compete por exemplo à noção de “saber escolar” que seria o rol de conhecimentos científico que compete aos professores absorverem e passarem aos alunos. Porém muito a frente de um simples conjunto de conhecimentos podemos também entender que essa conjugação de saberes embora seja vista como sempre certa (e até uma certa dose de “crença quase mística em respostas exatas”) são, nesse contexto, peças que podem ser melhor elaboradas, agrupadas e rearranjadas com o objetivo de se construir um conhecimento mais ordenado, se caminhando de estruturas mais simples para sistemas mais complexos.

Ainda conforme Schön, “É possível ilustrar uma segunda visão do conhecimento e do ensino através dos professores que deram razão ao aluno”. Ou seja, é a partir do conhecimento espontâneo que se caminha do senso comum para o conhecimento científico, este que é um dos objetivos da escola, ser capaz de dotar os alunos de conhecimento científico. Aí sem dúvida entra a capacidade do professor, dentro de uma sala de 30-40 alunos, ser capaz de prestar atenção no indivíduo e de enxergar nestes suas necessidades de compreensão e dificuldades particulares.

Essa capacidade de reflexão vem a partir do momento que o professor enxerga o cenário, reflete sobre a experiência através dos resultados diários e percepção, pensa em novas abordagens e reformula os problemas. Assim ele é capaz de se inventar no cotidiano e inventar novas propostas de trabalho. Essa reflexão diária e constante é uma forma de reflexão-na-ação e justamente a abordagem de professor e profissional reflexivo. A partir dessa reflexão ele será capaz de criar novas experiências e refletir sobre sua prática docente com o objetivo de entregar aos alunos as competências que eles precisam para seu desenvolvimento, como por exemplo a capacidade de a partir de experiências cotidianas construir (ou redescobrir) o conhecimento científico.

Ainda referente à reflexão é interessante também observarmos a questão das representações múltiplas, onde as pessoas possuem estratégias de representação e apreensão diferentes de acordo com suas vivências e nível de conhecimento prévio. Por exemplo o experimento feito no MIT (Massachussets Institute of Technology) e citado por Schön (1992) onde pessoas dotadas com conhecimento formal não eram capazes de construir uma estrutura de uma ponte pois embora possuíssem o conhecimento teórico não eram capazes de, nas palavras de Schön, ter a “noção de comportamento da estrutura” ou seja, embora esses estudantes tivessem uma representação formal e teórica não tinham uma representação adequada (prática e experimentação, talvez) para construírem de forma eficiente essas estruturas. Percebe-se que, esse tipo de preocupação, também cabe ao professor que deve ser capaz de lidar com as diferentes representações de mundo e conseguir abastecer seus alunos com experiências suficientes para que estes, em sua individualidade, sejam capazes de conhecer verdadeiramente.

Embora isso seja um certo grau de confusão, cabe aqui ressaltar que a confusão faz parte do processo de conhecer. “É impossível aprender sem ficar confuso” pois é a partir da indagação e não entendimento que se busca a resposta. Assim, é a capacidade de ficar confuso e fazer as perguntas corretas para se remover essa confusão que instiga na busca das respostas e assim aprende-se.

Mas seria então a imitação uma forma errada de se aprender/ensinar visto que não se pressupõe nessa uma prática reflexiva? É errado pensar assim pois na imitação se têm obviamente inteligência. Isto porque para se imitar algo é necessário conhecer o essencial da coisa observada, para somente assim construir à nossa própria maneira algo que outra pessoa já realiza com maestria. Isso é obter a essência, e dependemos da essência para se imitar. Concluindo, entendemos que para a prática reflexiva é necessário se juntar três dimensões. Primeiro é necessário a compreensão das ideias pelo aluno, depois é a interação do professor com o aluno e por último a dimensão burocrática da prática docente. Dessa maneira para se estimular e incitar a prática reflexiva essa deve ser uma preocupação também nos processos de formação de professores, apoiando aqueles que já tem essa experiência e hábito e promovendo a disseminação desse conhecimento reflexivo.

**A autonomia dos professores**

Conforme Contreras (2002) escreve se referindo ao entendimento da autonomia no contexto da educação “como chave para compreensão de um problema específico do trabalho educativo, característica que se mostrará essencial na possibilidade de desenvolvimento das qualidades essenciais da prática produtiva”. Ou seja, a capacidade de se dar autonomia ao profissional docente é uma forma de aprofundar o entendimento da reflexão do professor com relação à sua profissão.

Basicamente se tem três concepções básicas do professor, conforme Contreras, que é o especialista técnico, o profissional reflexivo e o intelectual crítico. No caso da racionalidade técnica, influência do profissional que norteia seu trabalho com base em um conhecimento teórico e técnico, temos a busca de solução de problemas através da solução instrumental aplicando esse conhecimento técnico e teórico. Em sua prática profissional o professor faz uso de meios pré-determinados e definidos para atingir fins específicos moldando seu trabalho para tingir esses objetivos. Cabe aqui salientar que o conhecimento profissional do professor depende do conhecimento da ciência ou disciplina, essa disciplina aplicada na solução de problemas e também a questão de habilidade e atitude.

Temos assim o conhecimento empírico-analítico onde se inflige uma ação sobre os objetos para se obter o resultado desejado, mas esse profissional essencialmente técnico acaba atuando à margem das preocupações humanas e contextos sociais onde a prática se aplica e sem levar em conta as consequências de suas ações sobre estes contextos.

Necessário se faz ainda que o profissional seja capaz de deter o conhecimento técnico com o objetivo de solucionar problemas, aplicando o seu conhecimento científico de forma inteligente e avaliar continuamente a aprendizagem dos alunos. Agora, enxergando o docente como um expert assumimos que estes detém o conhecimento técnico científico mas deteriam estes conhecimento pedagógico para melhor elaboração de suas práticas? Ou seja, o professor depende de um conhecimento prévio não ligado, muitas vezes, à sua área de atuação.

**Considerações**

Dada as diferentes concepções do professor é importante nos concentramos na reflexão do professor no desempenho de sua docência. A partir da prática deliberada da reflexão sobre seu trabalho e a troca de experiências com seus pares o professor poderá aprimorar sua interação com o aluno, conhecer suas individualidades construir um conhecimento mais elaborado e científico.

**REFERÊNCIAS**

CONTRERAS DOMINGO, José. A autonomia ilusória: o professor como profissional técnico. In: \_\_\_\_\_\_\_\_. **A autonomia de professores.** São Paulo: Cortez, 2002. P.89-104. (cap. 4)

DUARTE, N. Tacit knowledge and school knowledge in teachers’ education (why Donald Schön didn’t understand Luria). Educação & Sociedade, v. 24, n. 83, p. 601–625, 2003.

SCHON, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio. (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. P.78-91.